



CARACTERÍSTICAS REVOLUCIONÁRIAS DO EZLN (EXÉRCITO ZAPATISTA DE LIBERTAÇÃO NACIONAL E O MST (MOVIMENTO DOS TRABALHADORES SEM TERRA))¹

*Valtuir Moreira da Silva*²

Universidade Estadual de Goiás

Itapuranga, Goiás, Brasil

valtuir2@hotmail.com

*Jean Carlos Ribeiro de Lima*³

Universidade Estadual de Goiás

Itapuranga, Goiás, Brasil

jean_ribeiro_lima@hotmail.com

Resumo: Entender os aspectos revolucionários e rebeldes destes movimentos sociais, tanto do EZLN, quanto do MST, fazem-se necessários para debatermos e discutirmos a necessidade de proporcionarmos o diálogo histórico, cultural, político, social, e principalmente, compreender a produção da memória, destes que são na contemporaneidade, as principais representações de movimentos anticapitalistas e neoliberais. Tema este, que é o objetivo central deste artigo, ao qual abordará a relação existente no espírito rebelde dessas mais significativas expressões de não aceitação ao imperialismo e usurpação, tanto por parte da elite latifundiária, quanto pelo governo, aos direitos de viver da terra, mas também do direito de liberdade e de justiça acima de tudo. Perceber os intensos processos de luta que permeiam esses movimentos também se faz importante neste artigo, reavivar a memória e repensar o passado histórico de construção e estruturalização, daqueles que foram responsáveis por fazer dessas expressivas mobilizações, um espaço de íntimas lutas e experiências adquiridas ao longo do tempo. Alguns autores nos ajudaram a discutir essa relação entre o EZLN e o MST, que mais estão voltadas para o caráter cronológico e espiritual de suas devidas representações; dentro desta perspectiva temos Fabio Querido (2011), Sebastião L. Ferreira Vargas (2003), José Carlos Mariátegui (2005), Walter Benjamin (2013), dentre outros.

Palavras-Chave: EZLN, MST, Revolucionários, Memória.

¹ O presente artigo é fruto do Projeto de Pesquisa Movimentos Sociais Camponeses no Brasil e México Frente Ao Processo Neoliberal – 1990-2010, desenvolvido na UnU Itapuranga.

² Doutor em História

³ Graduando - UEG Itapuranga

“E se a eliminação da burguesia não estiver efetivada até um momento quase calculável do desenvolvimento econômico e técnico, tudo está perdido. Antes que acentelha chegue à dinamite, é preciso que o pavio que queima seja cortado”. Benjamin, 1995, p.46.

A historiografia referente aos movimentos sociais da América Latina, retoma seus debates, quer seja no meio acadêmico, quer seja no meio social ou político. Porém, nos últimos trinta anos, alguns movimentos sociais latino-americanos chamaram a atenção de historiadores, sociólogos, antropólogos e pesquisadores que se interessaram por essa temática; refletindo assim, algumas transformações que a sociedade contemporânea sofrera durante este período. O objetivo deste artigo é abordar dois desses movimentos sociais de grande expressão na América Latina, e que de modo geral, apresentam algumas semelhanças em suas representações revolucionárias que tocam no cerne de nossa discussão. O primeiro é o Exercito Zapatista de Libertação Nacional (EZLN), uma guerrilha organizada e composta por indígenas, camponeses, alguns prisioneiros de guerra e membros da sociedade civil mexicana; o mesmo instalado ao sudeste do México, especificamente no Estado de Chiapas. O segundo é o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra (MST), orquestrado e composto principalmente por trabalhadores do campo que sofreram e sofrem com a exclusão social e a expropriação de terras; o MST abrange quase todo território brasileiro e assim como os zapatistas mexicanos, expressam na luta pela terra sua essência revolucionária.

“Existem alguns paralelos interessantes entre os zapatistas mexicanos e os brasileiros do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra (MST). (...) A base sócia dos dois movimentos tem pouco peso econômico no capitalismo moderno. No caso dos zapatistas, o peso é ainda menor. Como eles mesmos dizem, são indígenas que não têm nada para vender nem compram nada, são perfeitamente descartáveis para o capital. Ambos os movimentos, entretanto, têm uma enorme autoridade moral, despertando simpatia em vários setores sociais que não tem relação direta com suas reivindicações. Recebem também significativa solidariedade internacional. É dessa autoridade moral que retiram sua força. Os sem-terra brasileiros são capazes de fazer ocupações de terra e, do ponto de vista policial, seria muito fácil para o governo desalojá-los. Os zapatistas foram capazes de tomar várias cidades no estado de Chiapas em 1 de janeiro de 1994. Mas não tinham e não têm força militar para enfrentar o exército mexicano. Tanto no caso dos sem-terra quanto dos zapatistas, é o apoio nacional e internacional que impede os governos de tratá-los como caso de polícia ou questão militar. A força dos zapatistas e dos sem-terra vem, portanto, da justiça de suas reivindicações e da simpatia e admiração que sua ousadia em desafiar o poder desperta. Uma diferença é que os zapatistas têm maior amplitude. Eles lutam pela terra, mas, também, pela dignidade dos povos indígenas e pela democracia. São um movimento com raízes profundas e antigas, questionando diretamente a estrutura do Estado mexicano”.

(MACHADO, 1996, p.21)

Nas ultimas décadas, o neoliberalismo se tornou cada vez mais intenso em todo o planeta, atingindo patamares altíssimos e revelando as múltiplas facetas do capitalismo contemporâneo excludente. Essa política capitalista rejeita os anseios desses movimentos sociais, uma vez que, segundo a ideologia do progresso, tais movimentos atrasam o desenvolvimento econômico e político. Resultado dessa exclusão, EZLN e MST apresentam na “guerra” travada contra o neoliberalismo suas principais características revolucionárias.

Apesar de México e Brasil apresentarem cenários históricos e políticos distintos, ambos refletem uma historicidade comum de disputas no campo, envolvendo o indígena e o camponês, frente ao grande latifundiário e, posteriormente, ao Estado. No caso dos zapatistas, o levante da Revolução Mexicana (1910-1917), representou e representa os anseios do EZLN; uma revolução que perdurou por quase vinte anos e teve como principais agentes históricos, camponeses e indígenas, que insatisfeitos com a expropriação de suas terras pelo regime Porfirista, ergueram-se e lutaram. Não poderia ser diferente no caso dos Sem-Terra brasileiros, como negar quentos anos de luta pela terra, trabalho, autonomia e liberdade. O Brasil tem na sua história, a mancha do sangue daqueles que lutaram no passado, por justiça social e igualdade; grandes levantes se ergueram, como as revoltas de Canudos na Bahia e Contestado no sul do país, dentre outras. Nesse passado de embates, caracteriza-se a raiz histórica desses movimentos, tanto EZLN quanto MST, reconstroem suas próprias histórias e estórias, revelando assim, um espaço aberto para uma nova (re)leitura da história.

Fato é que, usurpada a terra se perde a única forma de sustentação e sobrevivência do homem do campo, pois dependem da força do trabalho não só para a subsistência, mas também, como mecanismo de autonomia e liberdade. Tomadas essas características, perde-se a identidade que reflete nas condições de organização e projetos para a retomada de sua origem e raiz indenitária. Tal qual como assevera Benjamin(1995) “As lutas do passado se vinculam às lutas do presente”, algo que zapatistas e sem-terra expressam consubstancialmente em plena semelhança, desvelando o papel de seus agentes sociais do presente em relação com os agentes sociais do passado.

[...] As rebeliões das populações rurais marginalizadas, de ontem e do hoje, e em toda América Latina aparecem como gestos coletivos, materiais e simbólicos cujo conteúdo, na maioria dos casos, pode ser encontrado na vontade dessas comunidades em persistir no seu ser. Se revoltam e se organizam para resistir, porque somente a resistência é possível frente ao movimento do mundo que dissolve e nega esse ser. (VARGAS, 2003, p. 4)

É inegável que zapatistas e sem-terra objetivam uma mesma campanha de resistência de luta pelas terras usurpadas, porém é necessário “ir além” quando nos referimos

aos movimentos sociais tão complexos e dinâmicos. A luta não é só por terra, mas também por uma nova forma societária, mesmo que, em alguns casos, ainda não a tenham definido ao certo qual. Essa cultura de resistência, como acredita E. P. Thompson (1995), apresenta um amplo campo teórico, e que, em linhas gerais resulta em alguns pontos convergentes. O primeiro é a construção de um novo projeto, ou modelo, que ultrapasse o neoliberalismo e resgate o caráter participativo da sociedade, numa espécie de “democracia radical”. O segundo é a dificuldade teórica e prática de elaborar esse modelo hegemônico, na qual a luta venha de baixo, caracterizada diretamente pela cidadania organizada. O terceiro, e talvez o mais emblemático, é a utopia, ou seja, a crença na possibilidade de um “novo mundo”, com novos valores de convivência e não exclusão, respeito à diversidade e compromisso com as redes solidárias.

Um exemplo dessas linhas gerais é o caso dos lemas zapatistas que apresentam bem essas características. “*O mandar obedecendo*”: a democracia direta por meios e mecanismos de consulta popular dentre as diversas comunidades; “*Preguntando caminamos*”: a riqueza na valorização do diálogo e da reflexão, na liberdade da palavra e do pensamento crítico a analítico. “*Um mundo onde caibam vários mundos*”: a união na diversidade, a capacidade de acolher diferentes formas de resistência no processo de construção de uma sociedade melhor e igualitária.

É plenamente visível que os lemas zapatistas se relacionam com a proposta revolucionária do MST, o de saber ocupar espaços. Tanto é verdade que o próprio lema dos sem-terra: “OCUPAR, RESISTIR E PRODUZIR”, evidenciam essa questão. Não se trata apenas de ocupar a terra, mas sim, resistir aos processos de desocupação e principalmente, produzir o seu trabalho que dignifica e o autonomiza. No entanto, o discurso da elite, principalmente o grande proprietário e de grupos conservadores, veem essas representações como movimentos sociais que se tornam um empecilho ao progresso econômico e ao desenvolvimento do capitalismo; justamente por estarem contadizando todo esse processo, de exclusão social e desagregação territorial do mundo capitalista neoliberal.

Essa modernidade ocidental do progresso, do avanço e da globalização, acarretaram a ruptura com a dicotomia entre moderno e arcaico, civilização e barbárie. Assim, todo e qualquer tipo de “revolução” que vá de encontro com esses preceitos capitalistas, são considerados um problema na sociedade atual. Nessa perspectiva, EZLN e MST são considerados movimentos anticapitalistas que se defrontam às doutrinas neoliberais e nacionalistas.

A tradição rebelde de tais movimentos, esta impregnada na memória coletiva de seus agentes históricos, evidenciando sua intrínseca relação com o passado de lutas e resistências. Querido (2011) nos demonstra essa faceta:

[...] Resgatando o potencial utópico-revolucionário que se encontra no passado das lutas de resistência ao progresso dos vencedores - resistência que, diga-se de passagem, atravessou como uma sombra projetada os cinco séculos de dominação colonial e imperialista na América Latina,, revertendo ainda hoje nas lutas de movimentos sociais do presente pela reescrita da história do passado como momento fundamental dos enfrentamentos por um novo futuro. (p. 47)

Ora, como não poderia deixar de ser, a América Latina assume essa perspectiva de lutas sociais construída por movimentos potencialmente anticapitalistas como EZLN e MST. Nessa perspectiva, ambos os movimentos retiram do passado, nas lutas de seus principais mártires como, Emilliano Zapata, Pancho Villa, Antônio Conselheiro, Che Guevara, os exemplos e a fonte de inspiração necessária para as respectivas lutas do presente.

É visível também, como parte deste processo de análise, que zapatistas e sem-terra, apresentam outras semelhanças que foram frutos desse processo de embates latino-americanos, ao qual a relação, não somente nos objetivos e valores, mas também, no combate e embate ao mesmo adversário: o neoliberalismo. A primeira vista isso parece absurdo, uma vez que, ambos os movimentos se definem heterogêneos e múltiplos; porém, quando aprofundamos sistematicamente nos estudos e pesquisas acerca dos mesmos, percebemos que as resistências são semelhantemente – lutar contra a elite latifundiária e conservadora e conseqüentemente, aos donos do poder, representado pelo poder abusivo e corrupto de alguns agentes políticos que defendem a ideologia do progresso capitalista. Nos dizeres do líder do EZLN, o Subcomandante Marcos;

“E não há nada que agrade mais um guerreiro zapatista do que colocar os poderosos em cólera. Assim, com uma alegria especial, nós nos consagramos a resistir, a dizer “não”, a transformar nossa pobreza em arma. A arma da resistência”.

A situação precária de vida e relação humana, evidenciada nas palavras do líder zapatista, ao afirmar que a pobreza se torna uma “arma” útil e prática de resistência contra os “poderosos”, nos remete a percepção da ação coletiva que leva à eclosão da revolta e o engajamento da luta concreta por melhorias de vida e dignidade humana. Encontramos também, nas palavras de uma das lideranças do MST, Ademar Bogo, uma similaridade com o dizer do líder zapatista: “O MST é uma organização que buscou sempre com sinceridade

seguir seus princípios e ser fiel a esta causa tão nobre: libertar a terra e resgatar a dignidade humana”.

O que se pode extrair desses pressupostos apontados pelos respectivos líderes de EZLN e MST é uma intrínseca condição miserável de vida em seus contextos sociais, reflexo do processo excludente do capitalismo. No entanto, essa condição precária de vivência presente no cotidiano das respectivas sociedades, tanto de mexicanos quanto de brasileiros, se entrecruzam em intensa energia e paixão na luta e na resistência, com o objetivo de promover alguma mudança em seus respectivos contextos.

Esse aspecto da “motivação” em lutar, presente nos ideais revolucionários e rebeldes de zapatistas e sem-terras, talvez seja o ponto central para compreender movimentos tão complexos e heterogêneos. Diante disso, a revolta se caracteriza como sendo a primeira manifestação de descontentamento e da plena indignação que qualquer ser social externa na tentativa de resolução de seus problemas. Isso fica explícito, por exemplo, no caso dos insurgentes zapatistas, na “Primeira Declaração da Selva Lacandona”, na qual a mensagem central é “YA BASTA!”, ou seja, “JÁ BASTA!”. Um basta à exclusão social, à situação de injustiça e a usurpação da terra. Esse ser social que identifica seus problemas de opressão e miséria, ao encontrar uma organização que possa lhe oferecer a possibilidade de solução de seus anseios, se torna agente desse processo rebelde e se caracteriza como partícipe importante na luta contra os “os poderosos”. Porém, a motivação em lutar não emerge do vazio, ela se estabelece de forma pragmática fomentada nas bases da religião e, principalmente da mística, a “mística rebelde”. Sobre essa abordagem, teceremos algumas análises.

Quando se fala em “mística”, logo se pensa em algo sobrenatural – deus, carma, entidades e espíritos – presentes no cotidiano do homem. No entanto, o termo vai além de sua simples definição etimológica; o sobrenatural se relaciona com o real, expondo as necessidades reais vinculadas ao mito e ao espírito. Neste caso, o surrealismo se caracteriza como espécie de ideologia dos revolucionários, evidenciando assim, uma experiência prática e transcendental. Mariátegui (1982) afirma: “A força dos revolucionários não está na sua ciência; está na sua fé, na sua paixão, na sua vontade. É uma força religiosa, mística, espiritual. É a força do mito”. O interessante é que, a mística está fortemente presente na vida interna de zapatistas e sem-terras, quer seja em expressões do tipo teatrais, dramáticas, cômicas, lúdicas e litúrgicas.

É preciso entender que o mito se relaciona com a realidade de extrema pobreza e exclusão social desses movimentos. Ela está presente em todos os âmbitos da vida do

indígena, do camponês e do trabalhador da terra, expressando sua indignação e revolta diante da situação em que se encontra. Sendo assim:

“A ‘mística’ figura, não sem razão, na base da estrutura da organização. Não se constitui enquanto setor formal, mas envolve a todos e pode se manifestar em momentos determinados como nas ocupações, nos encontros formais e nas atividades lúdicas, mas também pode surgir inesperadamente do acaso, em momentos cotidianos, no trabalho, na escola, na surpresa... Ela é, de certa forma o combustível que alimenta o movimento”. (VARGAS, 2003, p. 28)

Sendo a mística o “combustível que alimenta esses movimentos”, EZLN e MST, encontram na simbologia, na tradição, na crença, na religião e nos rituais de suas respectivas comunidades, a inspiração e a atitude necessárias na disposição em lutar e prosseguir com seus desejos e utopias. Um exemplo pode ser visto com MST quando da morte de um dos seus líderes, Oziel Alves Pereira de 17 anos, quando fora amarrado em uma caminhonete e torturado por mais de 4 horas. A caminho do hospital, foi assassinado com um tiro no ouvido e golpes de baioneta, todos os indícios indicam que foi a própria polícia que realizou a execução. Hoje, Oziel é tido como um dos mártires do movimento e, ao mesmo tempo, caracterizado como uma figura representativa do exemplo de luta e resistência dos trabalhadores e trabalhadoras sem-terra, representando-se assim:

“Eu sinto uma honra muito grande pelo meu companheiro Oziel. Quero deixar claro: não sinto Oziel como morto... Ele vive... Vive na alma de todo mundo que é brasileiro... E... dá pra gente sentir a perda de um companheiro de luta, que sempre estava tentando transformar essa sociedade. É muito ruim quando a gente sabe que um companheiro se foi, deixou a gente...” (Santos et al., 1998: 226)

Em relação aos zapatistas, a mística encontra-se fortemente enraizada na religiosidade, na credência e, principalmente, na história provinda da Revolução Mexicana. Os exemplos são muitos e estão presentes desde o início da história do movimento na década de 1980. A constante valorização e adoração dos mortos e espíritos revelam as relações com seus mártires, como Emilliano Zapata e Pancho Villa. É interessante perceber, que a “montanha” possui um significado místico para os zapatistas, é na “montanha” que estão enterrados os guerreiros de Zapata, ou melhor, Zapata não morreu, está nas “montanhas”. No levante de 1994, quando os zapatistas ocuparam algumas cidades do Estado de Chiapas, no sudeste mexicano, quando surge as onze “Declarações da Selva Lacandona”, registros importantes das demandas pelo direito à terra, liberdade e justiça dos próprios zapatistas em relação ao governo do México e ao capital internacional presente em seus territórios. A partir daí, o EZLN torna-se publicamente um movimento guerrilheiro que enfrenta – a partir da

“montanha” – não somente o próprio governo mexicano, mas também, as mazelas do capitalismo contemporâneo excludente.

A força do poder místico, sem dúvida, move esses movimentos de maneira voluptuosa e constante, caracterizando o ideal utópico de suas determinações. Aliás, a utopia é outra tocante na predisposição e alimentação dos ideais e princípios dos rebeldes sem-terra e zapatistas. A “esperança” de mudar, a “expectativa” por melhorias, o “imaginar” um mundo melhor e igualitário, potencializam os sonhos utópicos de EZLN e MST.

A questão é tão séria que, a forte presença de sonhos e esperança, são instrumentos que sustentam e abastecem a capacidade de mobilização dos zapatistas e sem-terra ao almejarem uma sociedade solidária e fraterna, – como uma utopia. O próprio subcomandante Marcos, líder do EZLN, salienta que: “Sobre a utopia eu pergunto: que transformação social na história não foi uma utopia na véspera? Nenhuma”. O que o Marcos expõe é que, nenhuma transmutação e/ou mudança social ocorre sem estar fundada sobre sonhos e esperanças. O imaginar um mundo com justiça, terra e liberdade, prefigura como condição de desejos de transformar o cotidiano rotineiro de exímia miséria e extrema exclusão de indígenas, camponeses e trabalhadores do campo. Ademar Bogo (2003), liderança do MST, exemplifica isso em palavras, ao afirmar que: “O MST tem esta responsabilidade de manter viva a esperança do possível, no momento em que muitos renegam os sonhos e traem as esperanças daqueles que arriscam a vida e até morreram por determinadas causas. Não se pode fraquejar”.

A valorização da utopia em ambos os movimentos, deixa explícito a capacidade de grupos de esquerda, de se organizarem com objetivos semelhantes, o de formular projetos e tecer ideais teóricos provindos do próprio campo social. EZLN e MST realizam um trabalho de busca da identidade através da esperança, do possível e do imaginário, algo evidentemente difícil de ser tratado, principalmente numa época em que se criaram crise para o entedimento das ideologias, tornando-se uma doença e, como diz Vargas, 2003, p. 30, “(...) onde as utopias negam as utopias (...)”.

A memória, o saber histórico das lutas, das contradições, dos mártires, mantém acesa a chama utópica de zapatistas e sem-terra. A utopia se torna um novo horizonte concreto de possibilidades das classes oprimidas do presente, daqueles que resistiram e resistem à dominação e exploração exacerbada do capital, propiciando assim uma releitura da história da América Latina.

Frente a essa construção e representação do processo utópico, observamos a importância de EZLN e MST na história da América Latina. São movimentos sociais de

máxima expressão nacional e internacional, que não aceitam o total desprezo e segregação por parte da elite empresarial, dos mecanismos e dispositivos governamentais de investimentos no progresso desenvolvimentista e tecnicistas da era neoliberal. Fábio Querido, enfatiza essa questão ao afirmar que “na contramão dos paradigmas do progresso, EZLN e MST resistem, cada qual ao seu modo, contribuindo para a auto-reflexão do pensamento e da práxis emancipatórias do século XXI”. Assim, ambos confrontam-se diretamente com a classe detentora dos recursos financeiros, políticos e midiáticos que ocultam e/ou deturpam, os movimentos populares de grande massa, oferecendo a justaposição de que se trata de um empecilho ao desenvolvimento econômico e técnico do mundo globalizado.

Na luta contra esse ciclo vicioso, emerge o poder revolucionário e/ou rebelde dos oprimidos, que desde já encontra-se fixado nas formas de sociabilidade impregnadas no interior dos movimentos. Exatamente por estarem à margem do sistema, EZLN e MST, almejam reunir condições necessárias para enfrentarem seus grandes inimigos, que muitas das vezes parece estar invisível. O desafio é, acima de tudo, histórico, de resposta clara e objetiva à sociedade de que os problemas ocasionados pelo desenvolvimento capitalista são alarmantes, dentre os quais se observa a grande concentração da propriedade da terra nas mãos de poucos, ocasionando a alta no crescimento da taxa de expropriados e desempregados, que não veem alternativas de trabalho e subsistência em outro tipo de experiência.

A maneira violenta de repressão a esses movimentos se legitima através de um discurso idealizado pela classe empresarial e o Estado, que defendem simplesmente a manutenção da ordem social e a preservação da estabilidade política, econômica e social. Ora, isso é evidente, uma vez que, explorada pela mídia, a imagem do trabalhador rural que compõe um sindicato e/ou uma organização qualquer como EZLN e MST, se identifica com a de um imponente baderneiro, arruaceiro e vândalo, que quebra tudo que vê pela frente. Isto, discursivamente apresentado, evidencia-se, na constante ideologia imposta justamente pelo governo e a classe empresarial a sociedade, de que o homem do campo não desfruta de boa educação e bom comportamento, teses que são retomadas para desqualificar o processo e estratégias produzidas por estes dois importantes movimentos sociais na América Latina.

“Hoje, como no passado, a defesa do monopólio supostamente “legítimo” da violência por parte do Estado, é apenas uma das expressões possíveis das ideologias modernas do progresso. Se para as classes dominantes, o direito é instrumento legítimo de construção de poder, para as classes subalternas ele comprova a existência de um estado de exceção permanente, que atua como uma espécie de face oculta, porém onipresente da norma burguesa”.

(BENJAMIM, 1986)

Não obstante, EZLN e MST resistem a todo tipo de repressão imposta pelos detentores do capital e da força coercitiva. Processo interessante, uma vez que, ambos conseguem, mesmo que, de maneira dispendiosa, manter padrões de identidade e de reivindicações. É obvio que nada se compara ao poder abusivo e massacrante das elites, que na maioria das vezes, de forma subversiva, destroem qualquer espécie de possibilidade de renovação da classe dos trabalhadores e trabalhadoras do meio rural.

A par de toda essa discussão, percebemos que existe uma produção histórica do EZLN e MST, não só para América Latina, mas também, de suas notoriedades pelo mundo afora. Talvez seja um desafio aos novos pesquisadores e pesquisadoras da contemporaneidade, construir uma “nova história” que não seja elitizada ou estatal, mas sim uma história dos oprimidos, dos vencidos, daqueles que lutaram e lutam, não somente por terra, mas sim, por dias melhores, por espaço na sociedade, por direitos e deveres que lhes são tomados, lutam por justiça, liberdade e dignidade, que movimenta tanto zapatistas quanto sem-terra.

No entanto, é preciso cautela ao discutir movimentos sociais contemporâneos tão complexos e heterogêneos como os representados pelo EZLN e MST. Análises apressadas podem ocasionar equívocos e formulações vazias; necessário se faz compreender e contextualizar as realidades de ambos, para abordá-los em seus contextos, realidades e reivindicações díspares e semelhantes.

Esse processo de luta pela terra, evidentemente caracteriza os motivos principais do engajamento de zapatistas e sem-terra, ao se confrontarem diretamente contra os donos do poder, porém, a luta não se consolida apenas por um pedaço de chão, como propaga a mídia elitista e a classe empresarial, mas sim, por (re)conquista de um espaço que fora expropriados pelas políticas imperialistas e neoliberais. Esse aspecto torna-se importante na compreensão e na análise de EZLN e MST.

O objetivo até aqui, fora, mesmo que de modo geral, tentar elaborar, ou pelo menos traçar, um paralelo entre zapatistas e sem-terra. Ao longo da discussão, percebemos as grandes semelhanças existentes entre os dois movimentos, que compartilham a mesma luta, a mesma exclusão e o mesmo adversário. É evidente que ambos, apresentam cenários políticos e organizativos distintos, no entanto, a essência de suas reivindicações permanece a mesma: intentando grandes levantes frente ao neoliberalismo. Essa possibilidade de (re)leitura desses movimentos sociais da América Latina possibilita, tal como disse Benjamin: “escovar a história a contrapelo”.

Referências

BENJAMIN, Walter. *Rua de Mão Única*. São Paulo: Brasiliense, 1995.

MARIÁTEGUI, José Carlos, *Siete ensayos de interpretación de la realidad peruana*.

MACHADO, João, *Revista Atenção*, zapatistas e sem-terra têm algo em comum, ano 2, n. 8, 1996.

QUERIDO, Fabio, *Revista Espaço Acadêmico*– Nº 119 – Abril de 2011, Dossiê–movimentos sociais e poder popular

THOMPSON, E. P. *A formação da classe operária inglesa*. Tomo I. Tradução de Denise Bottmann. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

VARGAS, Sebastião L. Ferreira. *Mística de resistência: cultura política no Exército Zapatista de Libertação Nacional e no Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra*. *Informe final del concurso: Movimientos sociales y nuevos conflictos en América Latina y el Caribe*. Programa Regional de Becas CLACSO. 2003.